



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH –
CAMPUS VI
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A FUNÇÃO SOCIAL DA LITERATURA: ANÁLISE DA
REPRESENTAÇÃO DA ESCRAVIDÃO EM CONTOS
MACHADIANOS**

Daiane Nunes Dias

CAETITÉ – BAHIA

2018

DAIANE NUNES DIAS

**A FUNÇÃO SOCIAL DA LITERATURA: ANÁLISE DA
REPRESENTAÇÃO DA ESCRAVIDÃO EM CONTOS MACHADIANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à banca do curso de Letras- Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, do Departamento de Ciências Humanas – DCH VI/Caeté, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa .

Orientadora: Dra. Zoraide Portela da Silva Cunha

Área de conhecimento: Literatura

Caeté
Dezembro 2018

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Zoraide Portela Silva. Orientadora
Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos
Universidade do Estado da Bahia

Prof. Esp. Rozânia Alves Magalhães Silva
Universidade do Estado da Bahia

Caetité, ____ de _____ de 20__

DEDICATÓRIA

A Deus, por ser extremamente paciente e piedoso comigo...

A minha mãe e irmãos que apoiaram em todas as horas...

AGRADECIMENTOS

A minha família, pela confiança e motivação.

Aos amigos e colegas, pelo companheirismo.

Aos professores que auxiliaram no percurso.

A todos que, com boa intenção, colaboraram para a realização e finalização deste trabalho.

A orientadora pelo auxílio.

Ao professor coordenador de TCC pelo incentivo.

EPÍGRAFE

“É preciso ler isto, não com os olhos,
mas com a memória e a imaginação.”

Machado de Assis

RESUMO

A literatura é de suma importância para a formação do sujeito, ela possui uma ampla carga de significados que proporcionam uma infinidade de interpretações, que distraem, divertem e aguçam o imaginário do leitor. Mas, mais do que fonte de distração, a literatura é fonte de conhecimento, pois agregam elementos que traduzem valores e ideologias de determinados grupos sociais de diferentes épocas, sendo assim, a literatura pode ser utilizada como ferramenta de denúncia social, pois algumas obras apresentam enredos elaborados, muito importantes para a compreensão do mundo, neste trabalho, são abordados contos machadianos que tratam da escravidão e da violência que ela gerava, representando o negro tal como era tratado pela sociedade carioca do século XIX. Contamos com um apanhado histórico que descreve a escravidão, o racismo e a situação dos negros e negras hoje, uma análise da literatura afrodescendente, como arte emergente que dá voz ao povo silenciado e análise de contos que tratam do período da escravidão de forma crítica e irônica, este estilo, a ironia, também é trabalhado, através de levantamento de material bibliográfico e documentos literários.

Palavras-chave: Literatura; Denúncia Social; Escravidão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
A ESCRAVIDÃO NO BRASIL.....	11
1.1 Contexto histórico.....	11
1.1.1 Resquícios da escravidão.....	15
1.1.1.1A mulher negra na sociedade escravista.....	17
PAPEL SOCIAL DA LITERATURA.....	18
2.1 Ferramenta de denúncia social.....	18
2.2 O papel do leitor no texto literário.....	20
2.3 Literatura Afrodescendente.....	22
2.4 Machado de Assis: autor da sua história.....	23
2.5 Texto e contexto.....	24
2.6 Assumindo o lugar de fala.....	25
2.7 A ironia como recurso estilístico.....	27
2.8 Uma crítica a sociedade escravagista.....	28
AS RELAÇÕES DE PODER.....	30
3.1 Relações conflituosas.....	30
3.2 Pai contra Mãe.....	33
3.3 Mariana.....	35
CONSIDERAÇÕES.....	38
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

O ato de ler consiste num processo de libertação do ser humano, toda a leitura importa e toda ela contribui para a formação do sujeito. Nesse sentido, a leitura literária se apresenta como algo fundamental para esse processo e, quando ela assume uma função social, sendo utilizada para representar aspectos ideológicos e valores de uma sociedade em uma determinada época, é primordial na revolução interior que a leitura pode causar em cada leitor, dando-lhe um choque de realidade para tirá-lo do estado de conformidade com as coisas, levando-o a refletir sobre o seu papel na sociedade, ao menos é isso o que se espera, considerando o relacionamento que cada pessoa tem com a leitura, pois estamos falando de um cruzamento de visões de autor e leitor, sobre determinado ponto.

Dessa maneira, este trabalho se propõe a expor sobre a função social da literatura e a importância da leitura na compreensão do mundo, embasados em pesquisadores competentes acerca do assunto. Como todo o trabalho consiste em tratar de leitura, literatura e sua função social, não podemos descartar o contexto histórico de um período que é retratado em fragmentos de textos que serão analisados, assim, traremos uma breve exposição desses aspectos que nos interessam, neste caso, a escravidão, suas particularidades e os reflexos dela na vida das pessoas nos dias atuais, posteriormente, na concatenação das ideias, cabe uma análise de fragmentos, como falamos anteriormente, que serão extraídos de contos de Machado de Assis, os quais apresentam uma representação da vida do negro cativo, buscando assim, compreender um pouco de aspectos que integraram esse período da história do Brasil.

A escolha deste objeto de pesquisa justifica-se pessoalmente pela paixão nutrida pela literatura que surgiu e foi crescendo a partir da introdução da leitura nas séries iniciais e da dedicação a leitura sempre constante nos anos seguintes. A descoberta de Machado de Assis foi fascinante e desafiadora, as emoções despertadas em cada leitura, são inexplicáveis, foi através dos seus textos e com o desenvolvimento do projeto de Iniciação Científica, no qual analisei a obra “Dom Casmurro” adaptado para quadrinhos, que aprendi a ler as entrelinhas do texto literário, foi através do Bruxo do Cosmo Velho que surgiu a paixão pela ironia enquanto recurso estilístico da sua própria linguagem e poder unir essa paixão ao estudo e ao modo que ele trata da temática da escravidão é apenas o início de um longo e inesgotável estudo.

Academicamente pela importância que a literatura tem na formação leitora, pois somada a bagagem do aluno, o mundo que se descortina para o sujeito é imenso e repleto de significações, pois, os contos de Machado trazem à tona questões sociais atemporais, mazelas da população, jogos de poder, ideologias das raças e classes superiores sobre os menos

afortunados, e muitas outras questões pertinentes a nossa formação e que enriquecem o nosso conhecimento enquanto sujeitos formadores de opinião, críticos e conscientes do nosso papel na sociedade. Socialmente esta pesquisa é relevante porque contribui para a compreensão do mundo em que vivemos, a forma como o autor constrói seus personagens, evidenciam seus papéis sociais enquanto senhores e enquanto escravos, essa forma de representar a escravidão, a construção do estereótipo do negro cativo, subordinado e sofredor traz uma visão um pouco diferente das que estamos acostumados, em que o negro é visto como ladrão, vingativo, rebelde e assassino, dessa forma, esta pesquisa é um pequeno ponto positivo na desconstrução de valores atribuídos ao negro ainda nos dias de hoje.

Diante da importância conferida ao tema, sua relevância na vida acadêmica e contribuição para a sociedade, este estudo visa compreender, através da análise dos recursos formais da linguagem machadiana, como se desenvolvem os enredos através das descrições física e psicológica dos personagens bem como as relações de poder existentes na sociedade, além de ressaltar a importância da literatura como ferramenta de denúncia social. Dessa forma, surge o seguinte questionamento: Como se constitui a representação da escravidão nos contos “Pai contra mãe” e “Mariana” de Machado de Assis?

A coisificação do escravo e a escravidão em si eram pacificamente aceitos pela sociedade do Rio de Janeiro no século XIX, os próprios escritores tratavam o tema como algo perfeitamente normal. Machado quebra esse costume, pois, sendo descendente de escravos, foi a forma que encontrou para lutar contra a escravidão, além disso, seu lugar de destaque na sociedade carioca constitui-se como um disfarce para que ele pudesse criticar seus colegas intelectuais coniventes com tal prática, como afirma Faoro (1976). E, por fim, sua linguagem e escrita perfeitas, carregadas de ironia foram de suma importância na construção da crítica à hipocrisia social e na construção dos personagens, em que o jogo de palavras faz com que um leitor desatento entenda uma coisa, quando na verdade ele diz outra. Machado escreveu sobre os escravos, os senhores e até sobre a violência e objetos de tortura, do seu lugar de fala, descreveu o que ele vivenciou enquanto negro e pobre e o que seus antepassados sofreram enquanto cativos.

Propusemo-nos, com o presente trabalho, explorar, mesmo que superficialmente, o universo escravagista, analisando o cotidiano da população escrava, suas vivências, suas relações sociais, bem como os conflitos inerentes ao sistema do qual faziam parte.

Objetivamos, com esta pesquisa, de uma forma geral, analisar como os recursos formais da linguagem literária atuam no desenvolvimento da literatura enquanto meio de

denúncia social, a partir de análise de fragmentos dos contos de Machado de Assis, buscamos, através das descrições física e psicológica dos personagens, estabelecer como se dá a representação do negro nas relações sociais do Rio de Janeiro no século XIX. Buscamos ainda estabelecer um diálogo entre a produção estética e o meio social na contística de Machado de Assis; Investigar as relações raciais de poder do século XIX, representadas nos contos; Analisar a relação dialética entre os recursos formais do texto machadiano e os estereótipos do negro na sociedade escravocrata do Brasil no século XIX.

A base teórica que fundamentou a pesquisa foi composta das seguintes linhas: sobre a natureza da linguagem literária, contamos com a contribuição dos estudos de Antônio Candido (2000); para compreender a representação do negro na literatura machadiana pesquisamos em Eduardo de Assis (2007) e Sidney Chalhoub (2003); sobre as relações sociais e a temática da escravidão em Raymundo Faoro (1976) e sobre a composição dos personagens em José Aderaldo Castello (2008), além destas, contamos com diversas contribuições acerca das demais noções que elucidamos no texto.

Quanto a metodologia, dentro das tipologias de estudos existentes no discurso científico, esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, e para constituir os procedimentos de investigação do material literário escolhido para análise, seguimos alguns passos: primeiro, fizemos um levantamento bibliográfico do material a ser lido, posteriormente foram feitas leituras e fichamentos da base teórica referente aos recursos formais da linguagem literária e à representação histórico-social do negro no Brasil do século XIX, bem como de uma base crítica, constituída de produções acadêmicas que tratam mais detalhadamente de Machado de Assis, enquanto contista. Paralelamente a esses procedimentos introdutórios da pesquisa, realizamos leituras reflexivas e indagadoras de diversas obras de Machado de Assis e, especificamente, dos contos “Pai contra mãe” e “Mariana”, confrontando analiticamente o material teórico ao material literário.

No primeiro capítulo deste estudo, faremos um breve apanhado sobre aspectos históricos do período da escravidão para situar nosso leitor no contexto em que Machado de Assis viveu e que lhe forneceu conhecimento para tratar de tal assunto em suas obras, no segundo tópico deste mesmo capítulo, traremos um estudo acerca do racismo e do racismo de cor numa perspectiva antropológica social.

No capítulo seguinte, falaremos sobre a literatura enquanto denúncia social, dando destaque para o papel que Machado de Assis desempenhou nesse quesito e um pouco da sua

trajetória para chegar a burguesia, passando a conhecer os dois mundos para então desenvolver enredos tão bem construídos, evidenciando a crueldade destinada aos escravos.

No terceiro e último capítulo traremos as descrições físicas e psicológicas dos personagens e sua representação social, que serão exemplificados com os fragmentos que estaremos analisando ao longo da seção. Além desses três capítulos, temos ainda a introdução na abertura do texto, informando ao leitor do que se trata este estudo e as considerações finais.

1. A ESCRAVIDÃO NO BRASIL

1.1 Contexto histórico

No desenvolvimento deste estudo, sentimos a necessidade de falar um pouco sobre o período escravocrata no Brasil. A escravidão no país se estabeleceu e durou por muito tempo marcando diversos aspectos da cultura e da sociedade, seus resquícios permanecem até os dias atuais e são perceptíveis nas desigualdades sociais geradas em decorrência do preconceito racial que surgiu na escravidão com a inferiorização e objetificação do negro.

A pesquisadora Rosilene Costa Cardoso (2011, p.11) diz que

A instituição escravista permaneceu como um dos principais pilares da sociedade brasileira do século XVI até o XIX, tornando-se uma das mais duradouras do contexto mundial. Enquanto objeto de pesquisa, foi um dos temas mais estudados pelos historiadores brasileiros e brasilianistas, que buscaram entender e compreender sua estrutura, permanência, reprodução e peculiaridades, bem como o cotidiano daqueles que viveram na condição escrava.

O tráfico de escravos no período colonial consistiu em um grande negócio para a coroa portuguesa, a escravidão fez com que o trabalho se tornasse uma atividade inferior dentro da sociedade, todo o trabalho braçal era realizado pelos negros, assim como outras tarefas menos pesadas, como serviços domésticos, artesanatos e pequenos serviços para seus senhores. Nesse período, como aponta historiadores, a escravidão tornou-se uma prática usual, vista com naturalidade por muitos, entretanto, não podemos negar que houve muita resistência: fugas, formação de quilombos e luta pela preservação da religião e da cultura africana, assim como suicídios e abortos que também consistiam em formas de manifestação dos próprios escravos contra a escravidão.

Segundo Rainer de Sousa (2015), a escravidão se manteve intocada mesmo após a independência do Brasil. Os interesses econômicos por trás do sistema garantiam sua permanência, no segundo reinado é que se iniciaram os movimentos em prol da abolição. No governo de Dom Pedro II, leis abolicionistas foram surgindo e sendo aplicadas. Em 1850 a Lei Eusébio de Queiroz proíbe o tráfico de escravos para o Brasil, mas só em 1888 que foi assinada a Lei Áurea, dando fim ao regime escravagista, ou substituindo esse regime por outro, uma vez que não houve nenhuma ação que integrasse o negro livre à sociedade, esses ex-escravos, passaram a viver à margem, sofrendo discriminação racial que levou a outras mazelas, que persistem até os dias atuais.

A divisão da espécie humana em raças, inferioriza uma em detrimento da outra, conceituando a palavra raça, o professor doutor Kebengele Munanga (1999, p. 17) explica que “Etmologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais.” Diante disso, a cor da pele e os traços faciais passaram a ser determinantes na classificação que diferenciava negros e brancos, inferiorizando os primeiros e enaltecendo os últimos, daí que surge o racismo. Sobre o racismo, Munanga diz que:

Criado por volta de 1920, o racismo enquanto conceito e realidade já foi objeto de diversas leituras e interpretações. Já recebeu várias definições que nem sempre dizem a mesma coisa, nem sempre têm um denominador comum (...) Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas, suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais.

Nesse caso, o racismo consiste em acreditar que existe uma hierarquia natural, onde além dos traços físicos, o racista separa o negro em um grupo social com traços culturais, linguísticos e religiosos diferentes, que de acordo com sua ideologia, é inferior ao seu grupo social. Munanga diz que “o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas.”

A partir da década de 70 essa concepção de racismo foi se modificando, pois, o conceito de raça passou a ser desacreditado. Já não se considerava as características físicas e ou biológicas como apontou Munanga no trecho acima, o racismo passou a designar grupos que sofressem algum tipo de rejeição, assim, temos várias vítimas de racismo: mulher, jovens, homossexuais, pobres, etc. Essa analogia acaba de certa forma, banalizando o racismo, o que pode fazer com que seus efeitos sejam menosprezados, uma vez que os negros não são os únicos que sofreriam com os problemas.

Buscamos ainda um outro conceito de racismo em Masson (2011, p. 185) reforçando as colocações já mencionadas. Para ele:

Racismo é a divisão dos seres humanos em raças, superiores ou inferiores, resultante de um processo de conteúdo meramente político-social. Desse pressuposto origina-se essa prática nefasta que, por sua vez, gera discriminação e preconceito segregacionista. O racismo não pode ser tolerado, em hipótese alguma, pois a ciência já demonstrou, com a definição e o mapeamento do genoma humano, que não existem distinções entre os seres humanos, seja pela segmentação da pele, formato dos olhos, altura ou quaisquer outras características físicas. Não há diferença biológica entre os seres humanos, que na essência, biológica ou constitucional (art. 5º, caput) são todos iguais.

Isto posto, vamos focar aqui no racismo de cor já que nosso estudo explora os efeitos da escravidão e como ela foi representada na literatura, pois cremos que esse tipo de discriminação racial é resultado de todo o processo de exploração e objetificação à qual o negro foi submetido.

Sabendo que o racismo existe há muitos séculos, desde que os europeus começaram a colonização e fizeram questão de impor sua língua, sua religião e seus costumes, os portugueses consideravam sua raça superior e assim, exerceram controle sob as outras raças, foi assim com os nativos e também com os negros, os índios são conhecidos até hoje como irresponsáveis e preguiçosos e aos afrodescendentes são atribuídas as mais diversas características negativas, provenientes do sistema de escravidão, volto a salientar.

Por volta do século XVI a manufatura começou a se expandir e surgiram as primeiras indústrias na Europa, as plantações e os engenhos foram aumentando e o trabalho escravo era a base da produção e da organização social, como afirma (IANNI, 1988, p. 15). E foi aí que teve início a inferiorização do negro, que era retirado de sua terra, e transportado como animal, sem dignidade nenhuma, muitos deles não sobreviviam nem a viagem, em solo brasileiro, os que restavam eram submetidos a condições precárias de trabalho como nos explica Amaury Silva e Artur Carlos Silva (2012, p. 20)

Os negros africanos eram capturados em seus países de origem, entre eles Angola, Moçambique e Nigéria, e transportados para o Brasil em condições sub-humanas, para servirem de mão de obra nas lavouras de cana-de-açúcar, durante o período colonial. Posteriormente trabalharam também em outros segmentos da agricultura (cultivo de café, tabaco, algodão), na pecuária, na mineração e na execução de trabalhos domésticos.

O negro cativo sofreu todo e qualquer tipo de violência que se possa imaginar, foram subjugados ao poder do colonizador, inconformados com os tratamentos a eles destinados,

se rebelavam, fugiam e ao serem capturados eram duramente castigados, nos fragmentos que analisaremos, nos contos de Machado de Assis, é evidenciado alguns desses castigos e objetos utilizados para os mesmos.

Os escravos que eram “beneficiados” por alguma Lei nos últimos anos da escravidão, se deparavam com muitas dificuldades, como afirma Carneiro (1996) “Os antigos escravos e seus descendentes continuaram a ser tratados como párias discriminados pela cor e pela classe social e chamados pelos tradicionais estereótipos – boçal, sujo, estúpido, atrasado, bruto, imoral, mentiroso, degenerado”. (CARNEIRO, 1996, p. 16). A condição de ser livre não melhorou muito a condição do negro, uma vez que já eram estereotipados e a discriminação já estava enraizada na ideologia branca e mesmo após a promulgação da Lei Áurea que teoricamente deu fim ao sistema escravagista:

[...] continuaram presos ao preconceito social da época, ante a ausência de políticas públicas pós-abolição, pois não se criaram leis nem projetos sociais visando sua inclusão na sociedade, na qual foram lançados desprovidos de dinheiro, sem condições de se estabelecer, tendo que trabalhar por míseras compensações pecuniárias, incapazes de suprir suas necessidades, em total desigualdade com os brancos, permanecendo marginalizados, vistos como seres inferiores, longe de ocuparem as mesmas posições sociais que os brancos, acarretando-lhes uma inferioridade econômica com reflexos até os dias de hoje. (SILVA, Amaury; SILVA, Artur, 2012, p. 24).

Ante o exposto voltamos a afirmar que a escravidão acabou, mas seus resquícios permaneceram, impedindo que o negro tivesse uma vida digna e fosse integrado a sociedade. E a cultura europeia foi sendo cada vez mais valorizada, seus padrões eram os únicos aceitos, as vestimentas, a música, a língua, a religião, a cultura, posteriormente a literatura, tudo era superior e padrão a ser seguido, com isso, para ser aceito na vida social, os afrodescendentes começaram a sofrer um processo de embranquecimento como salienta Maria Luiza Tucci Carneiro, “Uma das opções encontradas pelos negros para ascender na escala social e melhorar sua condição de vida foi o branqueamento. Ao miscigenar-se com o branco, conseguiu clarear a pele; ao alisar os cabelos, aproximou-se do ideal de beleza branca.” (CARNEIRO, 1996, p. 17).

Assim fica evidente que o racismo sofrido pelos negros era o de cor, todas as outras formas de racismo destinadas a eles foram provenientes deste e isso se enraizou de tal

forma, que nos dias atuais existe movimentos que lutam para a desconstrução do padrão europeu, conscientizando os afrodescendentes e levando-os a aceitarem suas raízes.

1.1.1 Resquícios da escravidão

A escravidão no Brasil durou mais de 300 anos, estima-se que cerca de 3,5 a 5,5 milhões de pessoas foram trazidas da África em condições sub-humanas para trabalharem como escravos, e aqui, foram tratados como animais, vendidos como objetos sofreram todo tipo de crueldade que se possa imaginar, castigos, fome, estupros, tortura e morte e mesmo com toda essa barbárie registrada em documentos, nos livros de história, mesmo depois de mais de 100 anos da abolição da escravatura, seus resquícios permanecem e a crueldade e violência para com o negro continua, pois a escravidão acabou mas não houve nenhuma forma de integração desse ex-escravo à sociedade, nada que igualasse sua condição a dos brancos, e assim, por conta do racismo, a desigualdade foi se perpetuando e hoje, ela está aí nas escolas, nas empresas, nas ruas e nos números, pois, o Mapa da Violência no Brasil constata que o maior número de mortes por assassinato é de negros.

O racismo tem exterminado a população negra de todas as formas, seja por genocídio ou pela segregação, a juventude negra é o principal alvo da polícia e o acesso a saúde e a educação são difíceis, assim, boa parte dos negros vivem em situação de extrema pobreza e a margem da sociedade, embora existam grupos que lutam em defesa dos negros, sabemos que a dignidade lhes é negada e que o Brasil tem uma dívida histórica com essas pessoas que foram de suma importância para o desenvolvimento do país e para a formação do povo brasileiro.

Historicamente ser negro é ser algo ou alguém ruim, é ser considerado de uma raça inferior e impura, enquanto o branco é algo limpo e puro. Santos (2003, p.55) aponta que o fato de o negro ser considerado defeituoso passou a explicar ou justificar sua inferioridade nos aspectos intelectual, emocional e social de sua personalidade, devido a sua origem, é considerado primitivo e animal e sua terra natal também foi rebaixada a produtora de homens inferiores e corrompidos.

No nosso país, a escravidão foi um tema bastante pesquisado na busca pela compreensão das ações e do conhecimento acerca dos envolvidos nesse período tão importante do nosso passado histórico. Foi a partir do século XIX que estudiosos passaram a

pesquisar os aspectos desse período e seus reflexos nos setores da sociedade e nos grupos sociais que se formaram desde seu início.

Uma obra muito importante que surgiu nesse período de descobertas, foi *Casa grande e Senzala*, de 1933, escrito por Gilberto Freyre, a publicação deste livro foi um marco importante para se intensificar a dedicação às pesquisas acerca da escravidão. As ideias defendidas por Freyre podem ser consideradas um panorama do que os negros viveram, ele aborda as particularidades do tratamento destinado a esse povo, os preconceitos, diferenciações, bem como a inferiorização que subjugou tudo o que vinha dele, como a cultura, a arte, a religião, a beleza e a inteligência, pois o padrão de beleza e cultura dos brancos era o europeu e assim, o que fosse diferente era descartado.

Percebemos como tudo o que vem do negro é desrespeitado e inferiorizado, a ideologia da superioridade branca e de um padrão europeu desqualifica tudo o que é diferente e assim, alguns estereótipos foram atribuídos a essa raça menor, o negro é considerado intelectualmente inferior, assim como emocional e socialmente, Santos (2003) afirma que a caracterização negativa da cor negra aparece antes da noção de raça. Um outro ponto negativo é dizer que o negro não é civilizado, desconsiderando, dessa forma, sua contribuição no progresso da sociedade, dado como incapaz de evoluir, assim, ele atrapalharia o progresso social.

Priori & Venâncio (2004) registram que muitos viajantes identificavam os africanos como sendo semelhantes aos macacos, o que era resultante da convivência com eles. Esse tipo de estereótipo serviu para fortalecer as caracterizações "desumanas", afirmando que o negro não teria possibilidade de atingir a perfeição como era suposta aos brancos.

Atribui-se também ao negro o estigma de criminoso, alguns estudiosos estabeleceram relações entre a biologia e as qualidades morais, nessa perspectiva, escalas de valores foram utilizadas de forma que as características físicas serviam para colocar o homem branco num patamar superior ao negro. As classificações que hierarquizaram as raças foram construídas por meio do uso de escalas de valores entre os diferentes povos - asiáticos, africanos, europeus - estabelecendo relações entre a biologia (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades morais, psicológicas e socioculturais. Segundo esta perspectiva, a raça branca era considerada superior à amarela ou negra por causa das diferenças físicas hereditárias: cor da pele, formato do crânio, formas dos lábios, do nariz e do queixo, dentre outras (Munanga, 2004).

Assim como nessas afirmativas, nosso estudo acerca da representação do negro na literatura, vem falar dos estereótipos do negro, preguiçoso, deformado e feiticeiro, as mucamas e escravas domésticas eram chamadas de assanhadas quando na verdade eram forçadas e estupradas por seus senhores, explorados e comercializados, não passavam de objetos ou animais, propriedade dos brancos que podiam fazer com eles o que bem quisessem.

1.1.1.1 A mulher negra na sociedade escravista

Portanto, é importante desatacar a situação das mulheres negras, já que estão presentes nos enredos dos contos que iremos analisar em um outro capítulo. O tratamento destinado a elas não eram menos cruéis que os destinados aos homens e é nas relações entre senhores e escravas que vemos nitidamente o modelo de dominação de classes existente no período escravocrata que perduram até os dias de hoje.

A figura da escrava sempre esteve atrelada a casa grande, vemos isso em figuras de livros, novelas e filmes que retratam o período, foi daí que surgiu o serviço de empregada doméstica, pois, no pós abolição, algumas ex-escravas permaneciam na mesma casa e embora tivesse escravos domésticos homens, na maioria das vezes, as tarefas da casa, eram realizadas pelas mulheres, e assim, a funcionalidade da casa era responsabilidade dela, até mesmo a amamentação dos filhos das sinhás eram tarefas dessas mulheres, mesmo sendo consideradas inferiores. Com o fim da escravidão, de escravas domésticas, passaram a ser empregadas domésticas e continuou cuidando da casa e da família. Descrevendo assim, até parece que a vida delas era menos sofrida, cuidavam da casa, das crianças, nada pesado, entretanto, caía sobre ela a culpa de qualquer desordem no interior da casa, eram castigadas quando um filho dos senhores faziam alguma traquinagem, se sumia algum objeto de valor, ou não, a culpa era delas também, e o pior de tudo é a extrema sexualização do corpo da mulher negra, tanto naquela época, quanto atualmente, são consideradas por natureza muito sensuais e voluptuosas e como eram propriedade, sem domínio das suas vontades, eram obrigadas a deitar com seus senhores, eram subjugadas e estupradas e ainda assim, castigadas quando a sinhá descobria.

E assim, a escravidão e toda a violência que a ela estava atrelada durou séculos, as histórias nos livros nos dão uma ideia do que foi esse período cruel do nosso país. Os movimentos sociais da população negra trazem a tona os problemas que ainda enfrentam, o racismo, a polícia e a negligência estão aí exterminando os jovens negros, que até os dias de

hoje carregam a herança de um passado violento e sombrio, portanto, é necessário a cada dia buscar novos meios para se lutar por uma igualdade merecida e o negro está aí para contar a sua história, a voz a muito tempo silenciada está começando a ecoar num processo lento porém constante e muito significativo. As artes constituem meios bastante uteis para fortalecer essa luta, como por exemplo a literatura, que há muito tem funcionando como ferramenta de denúncia social, pois sua atemporalidade permite que gerações possam agregar conhecimentos de fatos pertinentes ainda nos dias atuais, por sobreviver à mudança do tempo, a literatura assume seu papel social, principalmente os grandes clássicos que trazem denúncias, que diante da efemeridade das coisas, perturbam a nós leitores de tal forma que causam uma revolução em nosso interior. No capítulo seguinte, compreenderemos melhor essa função social da literatura.

2. PAPEL SOCIAL DA LITERATURA

2.1 Ferramenta de denúncia social

Em vários momentos do percurso de construção do conhecimento, no ambiente acadêmico, estudamos, pesquisamos e discutimos a importância da leitura para a nossa formação, é inegável que ela é imprescindível para todos nós, para compreendermos como se estabeleceu nossa sociedade e o papel que devemos desempenhar dentro dela enquanto cidadãos conscientes do nosso lugar no mundo. Toda e qualquer leitura, seja ela imagética, verbo visual, como os quadrinhos ou best seller é importante e deve ser incentivada desde as séries iniciais e como afirma o saudoso Paulo Freire “ A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e entendemos que isso é indispensável, pois na leitura literária, os dois tipos se cruzam para produzir sentido, nesse processo, a leitura de mundo importa, pois, cada um de nós temos uma visão diferente das coisas a nossa volta e uma bagagem diferente.

Com a escrita não é diferente, o escritor precisa ter conhecimento e visão de mundo sobre determinado assunto para discorrer sobre ele e foi assim que vários autores utilizaram da literatura para fazer denúncias sociais do período em que viveram, com o conhecimento dos vários problemas enfrentados pela sociedade, a escrita tornou-se uma opção para criticar ideologias políticas e sociais.

Em artigo publicado na revista eletrônica Homu Literatus, a escritora Jana Lauxen (2014) fala dessa outra função da literatura, segundo ela “existem dois tipos diferentes de literatura: uma serve para distrair; a outra, para incomodar. E é somente quando a literatura incomoda que ela deixa de ser apenas um passatempo, e passa a assumir uma função social das mais importantes.” A autora não desmerece a literatura como forma de distração, mas dá um enfoque maior na função social que esta desempenha, ainda afirma que é uma poderosa arma que temos nas mãos e que devemos utilizá-la.

Diante da importância social da literatura Lauxen (2014) ainda acrescenta:

Creio que a literatura atinge sua maturidade, e cumpre seu papel social plenamente, quando tira o leitor do lugar onde ele confortavelmente está, e perturba, questiona, instiga o raciocínio, obriga a pensar sob outro ponto de vista. Falo de textos que, anos e anos após sua leitura, você ainda se lembra claramente, por que exigiram um esforço ao qual não estamos acostumados – e quando digo esforço, não é esforço para entender o que um autor confuso e rebuscado quis dizer, mas sim o esforço de sair do lugar-comum onde o leitor está muito bem, obrigado. Ou acha que está.

Existe uma vasta literatura que cumprem muito bem esse papel, com o despertar da literatura negra, cito esta porque engloba o objeto de nossa pesquisa, surgem muitos textos capazes de gerar uma revolução em nosso interior e fazer, justamente o que a autora propõe, nos tirar do nosso conforto, do lugar-comum, onde nos acomodamos e vemos a vida passar sem perturbações. Diante disso percebemos quão importante é a leitura de mundo do autor, “ademais, para escrever um livro que obrigue o leitor a pensar é necessário que o próprio autor pense sobre o que irá escrever *antes* de escrever.” (Lauxen 2014).

2.2 O leitor no texto literário

E tão importante quanto a visão de mundo do autor, é a do leitor, considerando que textos que foram escritos há cem anos, ainda possuem carga significativa muito pertinentes aos dias atuais, permitindo assim um diálogo entre os dois. Um outro autor que fala desse desconforto que a literatura social pode causar é Roland Barthes (1999) ao colocar o leitor em evidência no texto literário, seu pensamento se identifica com o da autora citada anteriormente, para ele

o texto de fruição provoca desconforto, uma crise na relação com a linguagem, pois leva o leitor a questionar seus valores sociais e culturais. Enquanto alguns apenas passam as páginas em busca da sucessão de acontecimentos a fim de se deparar com o *grand finale*, outros sabem que uma obra é apenas o início de uma série de reflexões. O final não constitui o encerramento de um ciclo. Não há uma resposta a ser encontrada, mas infinitos caminhos.

São esses textos que causam desconforto que contribui para a nossa formação, nas entrelinhas das histórias carregadas de ironia que nós, leitores, vamos pensar e repensar nosso papel na sociedade e como o próprio autor diz, ao ler um livro nós devemos passar a “questionar seus valores sociais e culturais”.

...leiam depressa, por fragmentos, um texto moderno, esse texto torna-se opaco, perempto para o nosso prazer: vocês querem que ocorra alguma coisa, e não ocorre nada; pois o que ocorre é linguagem não ocorre ao discurso: o que acontece, o que se vai, a fenda das duas margens, o interstício da fruição, produz-se no volume das linguagens, na enunciação, não na

sequência dos enunciados: não devorar, não engolir, mas pastar, aparar com minúcia, redescobrir... (BARTHES, 1999, p.20)

Nós atribuímos sentido a um texto a partir das nossas vivências, da nossa bagagem cultural e da interação que temos com o mundo. Assim podemos perceber que ler é acima de tudo uma atividade criativa. No ato de leitura temos liberdade para idealizarmos os personagens, vivermos as situações narradas, dialogarmos com o texto, nos emocionarmos, questionarmos, fazermos inferências, o leitor [...] é orientado [...] pelos valores cultivados pela sociedade e de outro pelo inconsciente, cujos impulsos o criador não conhece, embora os perceba operando em suas ações. (AGUIAR; BORDINI, 1988, p. 63)

Quando lemos um texto, o fazemos de forma ampla, levando em consideração tudo o que vivemos, para construir sentido, nós leitores precisamos nos situar na história, um texto não pode ser lido fora de contexto pois, a leitura vem acompanhada de uma intertextualidade, é um diálogo entre todos os outros que já foram lidos, somados a nossa própria experiência de vida, que dessa forma irá influenciar no processo de construção de sentido do texto.

O sentido do texto vai muito além do autor, bem como do próprio texto, ele depende do leitor e do contexto que estão inseridos, dessa forma, a leitura é um ato de criação de um sujeito de forma geral, assim de forma alguma, devemos pensar que

[...] o sentido que habita as coisas e as palavras esteja acabado e só espere por um registro passivo; ele nasce no ponto de encontro do homem e do mundo, pois o mundo só se aclara à luz natural do olhar humano ou da práxis humana (DUFRENNE, 1998, p. 175)

É praticando a leitura que descobrimos novos significados para as palavras, e tanto a palavra quanto o texto possuem uma infinidade de interpretações que resultam da interação entre homem e mundo, sendo que este último necessita da luz que as práticas humanas trazem a partir da leitura do próprio mundo e da leitura das palavras.

2.3 Literatura afrodescendente

Diante da relevância da leitura literária e da literatura enquanto ferramenta de denúncia social, vamos dar um enfoque a literatura afrodescendente, utilizada para falar da

situação do negro na nossa sociedade, tanto atual, como em épocas passadas, considerando que a realidade da população negra está atrelada a um passado de escravidão que lhes retirou a dignidade e a autonomia, reduzindo-os a ferramenta de trabalho, objetos e/ou animais, nos nossos dias, ainda lhes tiram a vida, esse tipo de literatura é muito importante e vem somar a várias outras formas de manifestação.

A forma como o negro foi tratado dentro da literatura foi se modificando ao longo do tempo, a literatura negra não é algo recente como afirma Eduardo de Assis Duarte: “não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa” (Duarte 2004: 01), porém, foi a partir de 1976, com o fortalecimento dos movimentos para dar visibilidade ao povo negro, que ela veio a ganhar força e o afrodescendente passou a ser o autor da sua própria história, pois, quando esta é contada por outros, prevalece o caráter depreciador, no qual ele é considerado feio, ignorante, pequeno, inútil, objeto sexual, violento, feiticeiro, dentre tantas outras características negativas, assim, era necessário que a negritude pudesse se expressar, falar do seu passado e do seu presente, se posicionar, ser o autor e o personagem da sua história.

O percurso para se chegar a uma literatura representativa foi longo, primeiro o negro foi depreciado, como mencionamos no parágrafo anterior, depois considerado indefeso como descreve Carina Bertozzi de Lima em artigo publicado pela revista eletrônica *Terra Roxa e Outra Terras*,

No início do século XIX a temática negra passa a ser vista mais freqüentemente na literatura. A escola romântica traz as primeiras incursões em uma literatura abolicionista, representada principalmente na figura de Castro Alves, com seu famoso Navio Negreiro. Mas a literatura anterior a Castro Alves já retratava o escravo, especialmente na poesia. A tônica, porém, desta poesia é descrever o escravo africano como um ser indefeso, melancólico e saudosos de sua pátria, vítima passiva dos maus-tratos da escravidão. Em *Suspiros Poéticos e Saudades*, publicado em 1836 e considerado o livro que marca o início do romantismo no Brasil, Gonçalves de Magalhães mostra o arquétipo do negro triste e indefeso, o qual se repetirá em diversos outros poetas...

Daí a necessidade de o próprio negro falar da sua vivência e das dificuldades que a permeavam, sem esses estereótipos que lhes são atribuídos, pois, além de ser representado nos

textos como alguém triste e indefeso, posteriormente suas características físicas foram depreciadas e se tornaram sinônimos de feiura e coisas ruins, a questão do cabelo cacheado e crespo, por exemplo, que passou a ser chamado de pixaim, e esta palavra por vezes é utilizada no sentido pejorativo, assim como os lábios grossos, também são motivos de chacota.

Ao assumir a autoria da sua história, a literatura negra resultante ultrapassa o âmbito da resistência, os escritores afrodescendentes tem a oportunidade de mostrar sua visão de mundo, como sujeitos cheios de sentimentos e inteligência para falar do que vêem a sua volta de uma forma bastante criativa.

São muitos os autores que fazem parte dessa literatura emergente, que utilizam dos textos literários para expressarem sua visão de mundo e denunciar os problemas sociais que afligem a população, como foi mencionado, não é de hoje que o negro faz parte dos enredos, o que mudou foi a forma como ele passou a ser representado. Dentre os autores que optaram por fazer esse uso da literatura, destacamos Machado de Assis, não é um autor atual, mas sua escrita é pertinente a pesquisa e suas obras atemporais, trazem sua vivência enquanto afrodescendente, dessa forma, ele escreve sobre seu antepassado e com isso conseguimos compreender um pouco do nosso presente.

2.4. Machado de Assis: autor da sua história

Machado de Assis, sendo negro e pobre, conseguiu brilhantemente galgar os degraus rumo a ascensão na sociedade do Brasil imperial e fazer parte da elite branca do Rio de Janeiro, contando, é claro com o apadrinhamento de Manoel Antônio de Almeida, autor de “Memórias de um sargento de Milícias”. Na primeira fase do escritor, ele não trata da escravidão, tratou primeiro de se estabelecer no círculo social da elite e nesse período teve início o seu “embraquecimento”. Após ter garantido seu lugar na sociedade burguesa, começa a introduzir a temática da escravidão em seus contos, com uma linguagem literária bem peculiar, um português perfeito e muita ironia do começo ao fim do enredo. Dessa forma devemos considerar a leitura do texto machadiano, tão única e somente dentro do contexto social da época, só assim, os recursos estilísticos adotados pelo autor nos permitirão abstrair a crítica que ele faz ao sistema vigente.

O escritor circulou pelos dois ambientes da sociedade, apesar de o conto ter sido publicado após a abolição da escravidão, ainda restavam seus resquícios, segundo ele, ela apenas foi substituída por um novo sistema opressor, uma vez que o escravo alforriado, sofria

agora com as mazelas sociais, sem lugar para viver, sem dinheiro para se sustentar e alguns em idade já avançada, não conseguiam um trabalho assalariado. A condição social do escritor, mulato e pobre, garantiu a ele uma sensibilidade que lhe permitiu manter uma coerência entre sua escrita e a realidade, captando, de forma panorâmica, os problemas gerados pela escravidão e a maneira como a elite lidava com ela, pois teve contato direto com a margem da sociedade e também circulou entre a burguesia, e assim pode expor os dois mundos que se contrastam e se complementam, assumindo assim seu papel de homem do seu tempo reconhecendo sua condição de afrodescendente, posiciona-se ao lado do cativo apresentando-nos um escravo dotado de sentimentos, com um perfil psicológico complexo, deixando de lado a coisificação tão comum na época.

2.5 Texto e contexto

Neste contexto a obra machadiana consiste numa reflexão de vários momentos da história do Brasil, neste caso, mais especificamente trata dos acontecimentos do século XIX, referindo-se a temática da escravidão, representando a essência humana, seus ideais, ideologias, pensamentos e posicionamentos, que contribuem também com a atemporalidade das obras, assim como recursos utilizados pelo autor garantem a multissignificação dos temas trabalhados. Portanto, para se fazer um estudo da representação da escravidão nos contos machadianos, temos que compreender que na construção da obra literária, como afirma Candido (2000, p. 4-7)

[...] o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno [...]; uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator da arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica para ser apenas crítica.

Percebemos, neste caso, que o texto e o contexto não podem ser separados, deve-se sempre levar em consideração os aspectos formais da obra juntamente com as influências sociais vividas pelo autor que refletem em suas obras. Como também afirma Facini (2004, p.25):

A literatura não é espelho do mundo social, mas parte constitutiva desse mundo. Ela expressa visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais. Essas visões de mundo são informadas pela experiência histórica concreta desses grupos sociais que as formulam, mas são também elas mesmas construtoras dessa experiência. Elas compõem a prática social material desses indivíduos e dos grupos sociais aos quais eles pertencem ou com os quais se relacionam. Nesse caso, analisar visões de mundo e idéias transformados em textos literários supõe investigar as condições de sua produção, situando seus autores histórica e socialmente.

É inegável a importância social da literatura, tal como afirma Antônio Candido (2000, p. 19), “comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade”. Assim sendo, no processo de criação artística existe uma forte influência do meio, bem como a própria literatura contribui para a formação da sociedade. Durante muito tempo, prevaleceu no Brasil um modelo de literatura europeia, após o processo de independência, surge a necessidade de construir uma identidade nacional através das artes. Entretanto, o negro que foi tão importante para o processo de formação do país e da nação, não tinha uma representatividade nas obras, raras eram as vezes que tinham algum destaque nos livros. Geralmente representado como coadjuvante, o negro era objetificado, reduzido a uma sub-raça, desprovido de essência humana ou estereotipado como submisso e dócil e isso prevaleceu até o início do século XIX.

2.6 Assumindo um lugar de fala

O século XIX configurou-se como um ambiente propício para a inserção do negro na literatura. Nesse aspecto Machado de Assis se destaca, pois, buscou enfatizar o sentir dos personagens negros, destacou sua vivência trazendo à tona a violência com qual eram tratados. Vários fatores impulsionaram para que isso ocorresse como a emergência do nacionalismo literário, a gradativa importância do africano para o processo de abolição, além da pressão de países estrangeiros para o fim da servidão e o aparecimento de autores que voltam os olhares para a condição do escravo.

Os negros sempre tiveram sua história contada por terceiros, logicamente no processo de criação literária prevalece as vivências e os valores sociais de quem escreve, daí a necessidade de o afro-brasileiro ser autor da sua própria história, apropriando-se de sua

identidade, construindo a consciência do que é ser negro, libertando-se assim da imagem estereotipada que lhe era atribuída.

Em meio a essa literatura emergente, Machado de Assis se destaca, assumindo um lugar de fala enquanto negro e contraria a escrita que estava na “moda”, ao invés de representar o negro com características negativas ele escolhe uma outra perspectiva, como afirma Chalhoub (2003), “Machado escolheu enfatizar não a ameaça que os escravos representavam para os senhores, mas o sofrimento que os senhores causavam aos escravos”.

Ele diz ainda que Machado procurou evidenciar que a escravidão não desumanizava os escravos, como afirmavam os emancipacionistas, mas também não era nada fácil de suportar como afirmavam os deputados contrários a abolição, mesmo reconhecendo o jogo de interesses sociais por detrás desse sistema, deixou bem claro que o tratamento destinado ao negro era muito cruel. Diante disso, percebemos que o autor assumiu um compromisso de denunciar a violência causada pela escravidão, compromisso este bastante presente em suas obras, que permitiu à Crítica Literária, a partir da década de 1970, mais precisamente 1974, data de publicação da obra “Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio”, de Raymundo Faoro, analisar a obra machadiana sob a perspectiva da representação das relações sociais e, com isso, abordar, também, a temática da escravidão:

(...) a escravidão existe, na obra de Machado de Assis, independente dos sentimentos. O entusiasmo abolicionista, a piedade com a sorte do escravo, o protesto contra o mau trato, não encontrarão nenhum eco na palavra do escritor, senão em expressões palidamente convencionais. Paira sobre os destinos individuais o tecido de ferro de um sistema, a instituição servil, fixamente enraizada na história, na sociedade e na economia. O arcabouço exterior explica tudo e faz calar a revolta, submersa na ordem social, que a própria poesia incorporou, num e noutro fio mais ardente. (...) A ordem social absorve, para subsistir, o grotesco e o cruel, a piedade e a solidariedade. Cedem a ela todas as considerações humanas, sob o pressuposto não declarado de que ela era necessária diante dela o homem é impotente. (FAORO, 2001, p. 362).

A escrita machadiana nos trouxe a representação da escravidão e do negro sem nenhum retoque, de forma velada, é verdade, o autor brilhantemente narra a forma cruel com a qual os escravos eram tratados e descreve até mesmo os objetos de tortura utilizados, como vemos nos contos “Pai conta mãe” e “Mariana”. Observamos ainda que ele se preocupa em apresentar a complexidade psicológica dos personagens, principalmente dos escravos, procura desmascarar o “jogo” das relações sociais e enfatiza o contraste entre aparência x essência.

Além disso, dialoga com o leitor, aguçando – o e levando - o a refletir sobre as questões abordadas.

Como já foi mencionado, Machado de Assis era descendente de escravos e viveu na própria pele os problemas gerados pela escravidão no Brasil. Negro e pobre, é de se admirar que ele tenha alcançado as cadeiras do círculo “pensante” da sociedade do Rio de Janeiro. A qualidade da sua arte e a força da sua personalidade contribuíram para que ele se destacasse enquanto escritor.

2.7 A ironia como recurso estilístico

Ao longo da vida Machado de Assis se destacou na prosa de ficção, tanto no romance quanto no conto e a linguagem utilizada por ele, em suas escritas, foram imprescindíveis para construir narrativas que criticavam de forma velada a podridão da sociedade imperial do Brasil do século XIX, Machado é um “cínico” e logicamente faz com que as pessoas leiam sobre a corrupção da própria sociedade na qual convivem, fazendo com que seus contos pareçam algo desinteressante, apenas para se passar o tempo

Nos prefácios e nos títulos de seus livros de contos, Machado de Assis processa um certo rebaixamento do gênero. Finge bocejar diante do tempo longo da vida que é preciso preencher de algum modo, e publica seus escritos com a estampa da vagueza e da indeterminação (...) Nada que pretenda substância. (VILLAÇA, 1984: 08)

Percebemos, na colocação de Villaça (1884) como Machado de Assis constrói seu texto, assim, a ironia utilizada por ele é uma figura de pensamento que consiste em sugerir, pelo contexto, pela entonação, pela contradição de termos, algo além, ou até mesmo contrário ao que as palavras em si possam expressar, como afirma Muecke (1995) Um aspecto importante da ironia é o fato de ela não estar explícita nas palavras, mas por trás delas, no que chamamos de entrelinhas, no “dito pelo não dito”.

Portanto, se usarmos o termo “ironia” como justaposição intencional ou não de contrários, assim como fazem os autores, neste caso Machado de Assis, autor que tem a ironia como elemento primordial em suas obras, ela é encarada principalmente como um paradoxo, dois lados que se contradizem e ao mesmo tempo se complementam. Em Ironia e o Irônico Muecke (1995), diz que a ironia é:

(...) forma da escritura destinada a deixar aberta a questão do que pode significar o significado literal: há um perpétuo diferimento da significância. A velha definição de ironia – dizer uma coisa e dar a entender o contrário – é substituída; a ironia é dizer alguma coisa de uma forma que ative não uma mas uma série infundável de interpretações subversivas. (MUECKE, 1995, p. 48)

O componente irônico no processo estilístico do autor, está inserido de um modo que: “A ironia machadiana não resulta tão-somente da soma de frases ou segmentos irônicos. Em sua obra regida pelo princípio da ironia, toda e qualquer parte aparentemente não-irônico se torna radicalmente irônica”. (SOUZA, 2008, p. 183)

Segundo Eliana da Conceição Silva, o uso da ironia permite uma gama maior de interpretação, negando sua visão crítica, apontando para a importância do contexto social em que a obra foi produzida, para a compreensão da própria ironia (SILVA, 2007 p.13).

2.8 Uma crítica a sociedade escravagista

A crítica machadiana analisa sua visão percebendo os efeitos da abolição. No caso de Machado de Assis, sua experiência pessoal e social não o levou a negar o “problema da negritude”. Sua forma de atuação foi específica, pois, através de sua obra literária eminentemente irônica, posicionou-se contra a escravidão e seus efeitos, criticando de forma velada, de modo que a própria classe nobre pudesse ler as situações de violência e humilhação que a escravidão gerava (SILVA, 2007, p.17).

A afirmação só confirma o comprometido do autor com os acontecimentos da época, porém, vale ressaltar, que ele não demonstrava entusiasmo com o abolicionismo e outras questões que compunham a situação do cativo, nesse quesito, a leitura das obras analisadas chegam a ser intrigantes, uma vez que o autor descreve a violência e os maus tratos com tanta naturalidade, conseguimos vislumbrar os acontecimentos, mas não identificamos nenhum fervor revolucionário em suas palavras, mas, como se trata de Machado e conhecendo sua posição privilegiada na sociedade, podemos concluir que esse fato se dá intencionalmente, uma vez que a crueldade exposta, nos leva a refletir sobre os ocorridos, sem, entretanto, o autor se posicionar como abolicionista, podemos constatar então, que ele se coloca como um profundo observador, homem de seu tempo comprometido com os eventos sociais, torna-se mais fácil o entendimento com a fala que se segue do pesquisador Castello (2008):

Note-se sempre presente o compromisso do escritor com a época. Machado de Assis ressaltaria mesmo, como exigência a ser imposta pelo crítico, essa do escritor fazer-se homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço'. Porque é o sentimento interior do próprio país, em comunhão com a capacidade do escritor de apreender e comunicar ao mesmo tempo o contemporâneo e o universal da natureza humana, que o tornam figura expressiva do seu povo, da sua época e da humanidade. Subestima, por isso mesmo, os localismos', os tipismos', os valores transitórios ou circunstanciais, que se deixam superar sem marcas, ou que limitam e tornam efêmera a obra de arte. Mas se é indispensável, conjectura o crítico, que o escritor, para ser do seu tempo e do seu país, reflita uma certa parte de hábitos externos, e das condições e usos peculiares da sociedade em que nasce', por sua vez a qualidade da obra de arte requer que o poeta aplique o valioso dom da observação a uma ordem de idéias mais elevadas' (...) (CASTELLO, 2008, p. 35-6).

Castello é enfático no que diz respeito ao comprometimento de Machado com os acontecimentos da época e do país, ele afirma que o contista é uma figura expressiva do seu povo, ou seja, do povo negro, mesmo não demonstrando entusiasmo com questões abolicionistas, como podemos perceber nos contos, Machado de Assis é o autor da sua própria história com suas ideologias e valores, se volta para a questão da negritude, sem deixar de falar da situação do homem livre, criticando duramente a sociedade que não ofereceu meios de inclusão para o escravo liberto, o que denota seu posicionamento com as questões sociais de uma forma geral. Faoro (1976), destaca:

"O enquadramento social do trabalhador livre no contexto da miséria permitiu a Machado de Assis medir o escravo sob ângulo original. Somente ele insistiu na calamidade que a alforria poderia significar para o cativo. O escravo seria livre, mas ficaria sem trabalho e sem pão, entregue à mendicância. O senhor, só ele, lucraria com o ato de generosidade ao se desfazer de uma boca inútil, envelhecida ou estropiada pelo trabalho. A liberdade não passava, nas circunstâncias, de retórica cruel ou de mentira". (FAORO, 1976: 326.)

A afirmativa vem reforçar tudo o que já dissemos anteriormente sobre o ex escravo não ser inserido na sociedade e passar a viver a margem dela, estava abandonado a própria sorte e só os olhares sensíveis eram capazes de identificar essa situação e denunciá-la. A literatura serviu e serve para denunciar a crueldade destinada ao negro cativo e ao negro livre, numa sociedade bastante hipócrita, pois, como disse Faoro (1976), o ato de generosidade do senhor, em libertar um escravo já velho, nada mais é do que hipocrisia, pois, só ele estaria

lucrando com o ato, enquanto que ao outro, só restava permanecer no sofrimento e mesmo após a escravidão, e percebemos o poder que o senhor exercia sobre a vida do cativo, pois, o destino que este teria depois de liberto era resultado da vontade do opressor e a diferença entre um e outro ficava ainda mais evidente, como abordaremos no capítulo a seguir, onde exemplificamos a relação de poder entre senhor e escravo com trechos dos contos “Pai contra mãe” e “Mariana” de Machado de Assis, abordaremos também a construção dos personagens, muito importante na distinção do distanciamento social entre eles.

3. AS RELAÇÕES DE PODER NA SOCIEDADE ESCRAVAGISTA

3.1 Relações conflituosas

A sociedade é moldada através de poderes que mantêm a funcionalidade das coisas, digamos assim, neste capítulo falaremos das relações de poder existentes entre senhor e escravo e para isso, consideramos apropriado conceituar o poder, o que ele vem a ser e como funcionava na sociedade escravagista, aspectos que serão exemplificados com trechos de contos machadianos.

Pois bem, conforme dicionário online de português, *pode* é *Ter habilidade (física, moral ou intelectual) de; exercer influência sobre...*, relacionando ao contexto que estamos pesquisando, sem grandes dificuldades podemos perceber que neste caso, o branco se considera aquele que tem habilidades física, moral e intelectual e por isso, exerce influência sobre o negro, que como já foi falado, era considerado incapaz e sem moral alguma.

As relações entre senhor e cativo eram bastante conflituosas, comuns numa situação em que um é subordinado ao outro e sofre severos castigos ante alguma resistência, porém, quanto mais eram castigados, mais resistentes os escravos se tornavam. Sobre essas relações conflituosas na sociedade escravagista no Brasil, Maria H. Machado aponta que:

Sendo uma sociedade desigual na qual uma camada detém o poder de expropriar não só os frutos do trabalho, mas também a pessoa do próprio produtor, a sociedade escravista baseia-se na violência que se manifesta na subjugação de uma raça à outra, na coisificação social do trabalhador. A violência subjacente ao sistema escravista, no entanto, não se restringe à consideração do monopólio da força detido pela camada senhorial. Embora fundamental, este não poderia sobreviver através, apenas, do continuado exercício da força como única coesão. Antes, é preciso considerar a questão sob a luz de uma economia da utilização da força capaz de proteger o extrato dominante escravocrata dos constantes confrontos abertos com os escravizados. Isto levaria a um desgaste do poder coercitivo, acarretando a

perda da funcionalidade do próprio sistema de dominação.
(MACHADO, M.H. 1987, 17).

Acerca disto podemos refletir que além da violência e da força, havia um censo comum entre a elite que mantinha a ordem, Georges Balandier (1999), em estudo realizado sobre as formas de representação do poder, propõe que os grupos que se encontram no poder buscam símbolos, signos e imagens para representação e reprodução do poder, neste caso, representados no período escravocrata pela religião, pela política e economia que garantiam a legitimidade do sistema, os escravos eram mantidos dentro dos limites e quando algum atentavam contra essa ordem estabelecida, a punição era bastante rigorosa, para já servir de exemplo aos outros, temendo o castigo, se mantinham na linha, o que era bom para o senhor, pois não poderia castigar severamente a todos, uma vez que escravo machucado não produzia, tinha pouco ou nenhum desempenho no trabalho.

E dessa forma era estabelecido o poder que mantinha a ordem social, por meio da violência e pela noção de superioridade dos senhores, pois prevalecia uma ideologia de dominação aceita pacificamente pela maioria, menos por aqueles que eram as vítimas, os quais restavam duas opções, aceitar, ou se rebelar, os escravos que não concordavam com o modelo de dominação, estavam sempre empreendendo meios de se liberarem do jugo opressor.

Os escravos realizavam ataques frequentes contra os senhores e feitores, porém, lhes faltava a união e a organização que existia entre os senhores, apesar de conviverem lado a lado, no trabalho nas lavouras e na senzala, seu ambiente de circulação era restrito, enquanto que o dos senhores era muito amplo, assim, quando um fugitivo era capturado, logo era identificado pelos outros donos de escravos, pois havia uma conexão entre eles, ambos se ajudavam para manter vigente o lucrativo sistema.

Vale ressaltar que haviam casos em que o escravo tinha um trato diferenciado, como se fosse uma relação de “amizade” entre ele e o senhor como salienta o historiador Flávio dos Santos Gomes “Houve vários tipos de relação com escravos no Brasil. Houve, por exemplo, escravos a quem era permitido manter pequenas roças, fazer um pequeno comércio ou receber por dia. Ora, relações que hoje são tachadas de escravistas podem na verdade ser piores do que certos modelos que vigoraram na escravidão”. Eram raros os casos em que isso acontecia, mais essas exceções existiam.

Após breve explicação de como era mantida a ordem na sociedade escravocrata, nas relações entre senhor e escravo, de forma que o poder era concentrado nas mãos da elite,

passemos agora a analisar essas relações de poder dentro de uma literatura utilizada como ferramenta de denúncia social, neste caso, contos que retratam o período da escravidão, abordaremos a construção dos personagens, o perfil psicológico de brancos e negros, exemplificados com a escolha dos seus nomes pelo autor, ironizando essas relações de forma que se pretende provocar o leitor para uma análise profunda dos acontecimentos da época, que refletem em muitas situações da nossa sociedade atual. Assim, falaremos um pouco sobre o conto “Pai contra mãe” e sobre “Mariana” ambos do escritor Machado de Assis. O autor expõe de forma crítica os jogos de poder na sociedade escravocrata, e achamos pertinente falar também sobre sua escrita contundente e desafiadora.

3.2 Pai contra mãe

O conto *Pai contra mãe* expõe a pobreza do Rio de Janeiro durante o império: becos estreitos, miséria e sujeira fazem contrapontos com a riqueza e a ostentação dos donos de escravos. De uma maneira irônica, Machado trata da profissão de capitão do mato e da violência que estes empregavam na captura dos fujões e da violência empregada pelos próprios senhores de escravos. No primeiro parágrafo o autor descreve os instrumentos de tortura utilizados para domesticar e subjugar os escravos:

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício, um deles era o ferro ao pescoço outro o ferro ao pé, havia também a máscara de folha- de- flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhe tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás por um cadeado. (ASSIS, 1997, p. 483).

Machado trata o ofício de capitão do mato com certa “naturalidade”, como se fosse uma profissão qualquer, lógico que faz isso ironicamente, pois no parágrafo seguinte descreve as punições destinadas aos escravos fugitivos, fala da coleira de ferro, do sinal que eles recebiam para diferenciá-los dos outros, os castigos empregados, acabavam por transformá-los em objetos, sem direitos sobre seu corpo e nem sobre sua vida.

Os cativos eram castigados frequentemente, os que tinham “padrinhos” sofriam penas menos severas, por outro lado, os senhores só castigavam aqueles que eram pegos cometendo infrações que os lesassem, pois não lhes era rentável já que o negro açoitado não tinha

condições de exercer um bom desempenho no serviço, como afirma Machado (2008, p. 182) “O sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói”. Sem poder trabalhar, não havia rendimento na produtividade e com isso o senhor perdia dinheiro.

O conto *Pai contra mãe*, 1996 apresenta um enredo simples, porém marcado de crueldade nas ações e no trato dos brancos contra os cativos. O núcleo do conto é a história de Cândido Neves que tem o ofício como um legado da escravidão enquanto instituição social. Por meio desse serviço se estabelece o trabalho do homem livre, a contradição sociológica explicada por Roberto Schwarz, em *Ao vencedor as batatas*:

Esquemmatizando, pode-se dizer que a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o “homem livre”, na verdade dependente, entre os primeiros dois a relação é clara, é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e os bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande. (SCHWARZ, 1977, p. 15-16).

O “homem livre” era refém dos padrões sociais da época, não era escravo, mas também não tinha direito à cidadania. Viviam do “favor” dos grandes proprietários de escravos.

O enredo do conto trata do desenrolar de um embate onde um pai luta contra uma mãe, cada um tentando salvar seu filho. Cândido Neves é um rapaz pobre, perseguidor de escravos, casado com Clara sobrinha de D. Mônica, com quem mora o casal, sem ter muitos ganhos, vão vivendo de suas capturas esporádicas e das costuras da esposa e da tia, até que nasce o filho do casal. Sem condições de mantê-lo, é pressionado pela tia para abandonar o filho na Roda dos enjeitados para que este não morra de fome. Cândido cogita várias soluções para ficar com o filho, não encontrando nenhuma vê-se obrigado a abandonar o filho e assim, sai de casa com o filho nos braços. No caminho, se depara com uma escrava fugida, deixa a criança aos cuidados de um dono de farmácia e começa a perseguição da negra. Ao alcançá-la, a arrasta para a casa do seu dono, ignorando suas súplicas e até mesmo o fato de a escrava estar grávida.

Nesse momento diante da violência sofrida a escrava Arminda aborta a criança. Cândido recebe o dinheiro da captura e dessa forma pode ficar com seu filho, pois agora já tem meios para sustentá-lo. O conto termina com a fala de Cândido tentando justificar seu ato: “nem todas as crianças vingam...”. Machado mostra a miséria humana, através dos dramas paralelos de um pai contra uma mãe lutando pela vida dos seus filhos. A partir daí, é possível

ver que o indivíduo é capaz de aplacar sua consciência mesmo tendo cometido o maior dos crimes, justificando a troca de uma vida por outra.

3.3 Mariana

Em *Mariana*, 1871, o autor vem criticar severamente a relação entre o senhor e seu subordinado, este conto requer muita atenção do leitor, olhos desatentos verão apenas um amor de uma escrava pelo seu senhor que não pode ser correspondido diante do lugar social ocupado por eles. No conto, Machado de Assis expõe como se dava a lógica de dominação, focando exclusivamente em Coutinho e Mariana.

O conto Mariana inicia-se com o senhor Macedo narrando o encontro com o amigo Coutinho, quando este chega ao Brasil, precisamente no Rio de Janeiro, depois de 15 anos vivendo na Europa, numa reunião de amigos conversam sobre a vida, os amores e Coutinho revela que fora amado por Mariana, como nunca fora por qualquer outra mulher, o que causa espanto em todos os ouvintes, diante do amor que não pode ser correspondido, Mariana foge por duas vezes, até que encontra na morte o sossego para sua alma apaixonada.

Sidney Chalhoub (2003) analisa o conto Mariana como um documento histórico do período em que o Brasil se encontrava, a partir de Janeiro de 1871 a emancipação dos escravos era um tema bastante discutido, nesse contexto, o conto representava a situação do negro nas relações paternalistas, onde os cativos dependentes de seus senhores devem lhes serem gratos, entretanto, apesar de serem da estima dos brancos, criados dentro de casa, com zelo, a todo momento o cativo é lembrado da sua inferioridade, dada a condição de escravo, como acontece o tempo todo com Mariana.

Coutinho é a causa da morte de Mariana, e demonstra um certo remorso por isso, podemos supor que tal fato fez com que ele tomasse alguma consciência dos horrores da escravidão. Contudo, Machado de Assis, ao terminar sua narrativa em forma de “desdém”, mostra que, quando os “dândis, saíram em expedição pela Rua do Ouvidor, consciências as nuvens” (AMARAL, 2009, p.29). Percebe-se que, o “crime da escravidão produzira cinco minutos de remorsos aos quarentões bem pensantes que remoçadas, voltam logo ao papel de predadores sociais e sexuais” (AMARAL, 2009 p.30). E assim tudo segue, as relações entre senhor e escravo continua a mesma, seria necessário bem mais do que um acontecimento para mudar o cenário, como assinala Sidney Chalhoub (2003, P. 136-137), “Era preciso intervir nas relações entre os senhores e escravos e promover a separação da instituição da escravidão, enfrentando decididamente os interesses sociais e econômicos que ainda a sustentavam.”

É necessário ressaltar que a coisificação do escravo era uma ideologia senhorial, não refletia a visão de homens e mulheres escravizados. “Estes nunca perderam a sua humanidade: amaram, buscaram constituir suas famílias, valorizaram os laços de parentesco e de amizade, cultuaram seus deuses, lutaram por melhores condições de vida e não se conformaram com a escravidão.” (AMARAL, 2009, p13).

A humanidade dos escravos está presente no conto “Mariana”. A moça não é simples reprodutora de regras, pois, embora haja em conformidade com a sua realidade e reproduza as estruturas sociais, ela é também capaz de exercer escolhas próprias, como por exemplo o ato da fuga e especialmente quando toma o veneno. Porém, tal fato é visto como sinal de ingratidão, pois um escravo tomar decisões sobre sua própria vida não era a ordem natural das coisas, uma vez que essa vida sequer lhe pertencia. E diante do desfecho do conto Machado de Assis critica a naturalização da ordem social.

E sua crítica vai muito além, a ironia se faz presente em toda e cada linha dos contos “Pai contra mãe” e “Mariana”. Nas obras machadianas, “toda e qualquer parte aparentemente não-irônico se torna radicalmente irônica”. (SOUZA, 2008, p. 183). Dessa forma, observemos a construção dos personagens nos contos, primeiro analisemos os nomes dos personagens e das ruas em “Pai contra mãe” e depois a condição de Mariana na relação paternalista existente entre ela e seus senhores.

Como é comum nos textos machadianos, as palavras significam bem mais do que dizem, no caso do conto “Pai contra mãe” percebemos isso até nos nomes dos personagens, como por exemplo, Cândido Neves e Clara. Com isso o autor Alfredo Bosi (1982) afirma que Cândido Neves é pobre, mas é branco até no nome e que, nisso, podemos dizer que persiste a ironia de Machado, pois, Cândido representa “Pureza”, “Alvura”, mas vemos que ele não tem candura nenhuma com Arminda.

Já o nome Clara, nome que significa “brilhante”, “luzente”, “ilustre”, como pode perceber no conto, além do seu nome também representar “claridade”, “independência”, “distinção” não é o que acontece pois ela não se destaca no enredo.

Além do nome dos personagens, o nome das ruas também tem importância na ficção, no conto *Pai contra mãe*, temos a “Rua do Parto” e a “Rua da Ajuda”, por onde caminhava a escrava Arminda, a segunda recebe grande destaque pois é onde Cândido vê o anúncio da escrava fugida, enquanto levava o filho para a roda dos enjeitados, é importante observar a ironia neste nome também, e se atentar ao fato de que é na Rua da Ajuda onde Cândido

encontra a solução para seus problemas, percebemos então, que a escolha dos nomes dos personagens e das ruas não foram escolhidos de forma inocente.

Em “Mariana” comentemos a ironia nas relações entre senhor e escravo, já que Mariana era a “cria de casa”, criada com o esmero e benevolência da mãe e das irmãs de Coutinho. Mariana foi educada, aprendeu francês, e segundo Coutinho, a moça “era o tipo mais completo de sua raça”, o que incluía: um fogo inquieto e vivaz que lhe rompia dos olhos negros e rasgados, talhe esbelto e elegante, colo voluptuoso, pé pequeno e mãos de senhora. Mariana era a “mulatinha criada e tratada como filha”, porém não se sentava à mesa e nem entrava na sala quando tinha visitas:

[...] era como se fosse livre, até suas irmãs nutriam-lhe certa afeição fraternal. Mas Mariana possuía a inteligência de sua situação, e não abusava dos cuidados com que era tratada. Compreendia bem que na situação em que se achava só lhe restava pagar com muito reconhecimento a bondade da senhora. (ASSIS, 1997, p. 775).

Observe que “era como se fosse livre”, mas não é. Apesar dos cuidados com os quais era tratada, tinha consciência da sua situação e devia ser muito grata à sua senhora. Até porque a todo momento ela é lembrada de que deve ter gratidão aos seus senhores, e quando ela confronta Coutinho, este a acusa de ingrata, uma falta muito grave, qualificando Mariana como uma escrava insolente.

Conforme Chalhoub (2003) o discurso elitista, porém social, de Coutinho disfarça sob a égide da bondade que sua mãe e suas irmãs faziam de tudo para a cativa, mas que a obrigação da mesma era pagar com muita gratidão e reconhecimento. Esse discurso que revela as práticas sociais regidas pela ideologia senhorias da sociedade escravocrata.

Em todo o conto Mariana é lembrada da sua condição de escrava, e ela própria tem consciência disso, e apesar de Coutinho falar das qualidades dela, não deixa de estar presente a ideologia da coisificação do escravo, pois, o rapaz deixa claro que Mariana aprendeu a bordar, a falar francês e era educada, mas não por mérito próprio e sim porque a mãe e as irmãs se empenharam na tarefa de ensiná-la.

Mariana é desqualificada para engrandecimento dos seus senhores, sua capacidade intelectual é negada, e o mérito da sua inteligência é atribuída aos brancos, pois não era aceitável que uma escrava negra pudesse ser capaz de aprender as coisas por si só, era como se ela fosse um animal criado em casa a quem se podia domesticar e ensinar truques.

O fato de a moça reconhecer sua situação de escrava, evidencia a relação de poder existente e o distanciamento que havia entre as duas “raças”, não se igualavam em nada, a superioridade do colonizador era incontestável.

Este aspecto de Mariana se parece em muito com a situação do próprio Machado de Assis, cujo brilhantismo intelectual não poderia ser aceito, sendo que se tratava de um negro descendente de escravos, o resultado, sua inteligência foi reconhecida, mas sua cor foi alterada, pois, como já mencionamos, para todos os efeitos, o autor é retratado sempre com a pele mais clara, traços finos, cabelos lisos, que em nada se assemelha a sua verdadeira fisionomia, com traços dos seus antepassados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos analisar como o negro é representado dentro da literatura diante do papel social que esta desenvolve como um meio muito importante para a denúncia de várias questões sociais, neste caso a escravidão. O texto consiste numa exposição da importância da leitura dessas literaturas, uma vez que englobam visões de mundo e ideologias de autor e leitor, que se cruzam na produção de sentido, ampliando os horizontes de significações mediante contextualização social e histórica do lido com o mundo a sua volta.

No desenvolvimento da escrita, julgamos necessário uma abordagem de como se deu a escravidão aqui no Brasil, um resumo de quando os negros foram trazidos para cá, como foram tratados nesse período e como estão sendo tratados nos dias de hoje, levantamos a hipótese de que a situação da população negra atual, muito tem a ver com esse passado sombrio de nossa história e buscamos confirmar nossas suspeitas com afirmativas de pesquisadores sobre o assunto.

Desta maneira o texto traz primeiramente um pouco sobre o período escravocrata no Brasil, em seguida uma abordagem sobre a importância da literatura e da leitura, e por último uma análise dos contos “Pai contra mãe” e “Mariana” de Machado de Assis que ilustram o que foi exposto no capítulo anterior, visando analisar como os recursos formais da linguagem literária atuam no desenvolvimento da literatura enquanto meio de denúncia social, a partir de análise de fragmentos dos contos escolhidos, buscamos através das descrições física e psicológica dos personagens estabelecer como se dá a representação do negro nas relações sociais do Rio de Janeiro no século XIX. Buscamos ainda estabelecer um diálogo entre a produção estética e o meio social na contística machadiana, investigar as relações raciais de poder no período, representadas nos contos e analisar a relação dialética entre os recursos formais do texto machadiano e os estereótipos do negro na sociedade escravocrata do Brasil no século XIX.

Os contos machadianos englobam as características do período escravocrata no Brasil, o autor expõe a relação de poder entre senhor e escravo e tudo o que isso significava. Em Pai contra mãe, o foco principal é a miséria a qual homens livres estavam submetidos, nem todos os brancos eram ricos senhores de escravos, alguns, como é o caso de Cândido Neves, não se dão tão bem na vida e se dedicam a captura de fugitivos. O conto é perturbador quando a

morte de um bebê negro garante a sobrevivência de um bebê branco que nasceu na miséria, chama a atenção também o fato de um branco, mesmo que pobre, ser superior ao escravo.

Enquanto meio de denúncia este conto cumpre bem o seu papel social, as questões abordadas, certamente chocam o leitor e trazendo para um contexto atual, são muitas as mães negras que abortam devido a negligência do sistema de saúde, ou que morrem pelo mesmo motivo, os objetos de tortura utilizados para se estabelecer a ordem naquela época, foi substituído por um que extermina a juventude negra todos os dias, a leitura do conto é perturbadora, e analisá-lo sob a ótica da nossa sociedade atual percebemos que as mudanças ocorreram, que estamos caminhando rumo a melhorias, mas que o processo é longo e o caminho cheio de barreiras impostas por um sistema que invisibiliza a população negra.

Em Mariana embora o enredo traz uma perspectiva diferente de “Pai contra Mãe”, a dominação do branco sobre o negro é bem clara e está ali presente na gratidão que a personagem deve aos seus senhores, a dívida é uma poderosa ferramenta de poder, que mantém Mariana no seu lugar, mesmo com o favoritismo e o trato diferenciado dispensado a ela, sua condição lhe é lembrada a todo momento, anulando qualquer chance de igualdade. Contextualizando essa referência histórica com as relações entre domésticas e patroas na atualidade, trabalho digno, mas que vemos como uma herança das mulheres negras responsáveis pela organização da casa grande, podemos perceber que se assemelha ao tratamento dado a Mariana, há uma relação de amizade, digamos assim, mas uma hierarquia, empregado é sempre empregado e patroa é sempre patroa.

No mais, os dois contos trazem a tona o comportamento humano, a ideologia de classes e principalmente, exemplifica os detalhes presentes na história do país, no que diz respeito a escravidão, pois, vemos claramente a objetificação do escravo, o contraste entre os dois grupos sociais de uma forma realista, sem a romantização do período, o autor não se manifesta contra a escravidão, mas expõe sem retoques um pouco sobre os acontecimentos da época.

Podemos perceber que as descrições da crueldade para com o negro presentes nos contos atuam em consonância com o período escravista, Machado de Assis não enfeita a história, a realidade nos é exposta com verossimilhança, ao atestarmos que a vida do branco importava, enquanto que a do negro também, mas única e exclusivamente para servir, as obras apresentam seu caráter crítico, por meio da ironia, o autor se posicionou de forma velada a favor dos escravos, sem, entretanto, declarar-se abolicionista, mas trata do tema apresentando o negro sobre uma perspectiva diferente das costumeiras, a de vítima e não de vilão. E sem

dúvidas, suas percepções sobre a sociedade daquela época importam, pois nos trazem uma visão que servem de respaldo para compreensão dos rótulos atribuídos as pessoas de pele escura. Sem contar que muitos outros afro descentes, também estão optando pelo caminho de denunciar a opressão por meio da literatura

As questões elucidadas neste texto, são de suma importância e possuem relevância na vida social e acadêmica, bem como pessoal, já crendo que aqui não tem mais como separar essas esferas da vivência do indivíduo, tudo está profundamente interligado, as leituras literárias, de mundo, da interação social e do sujeito com ele mesmo, geram transformações no modo como leva a vida e encara as questões sociais, percebendo que faz parte de tudo isso e é agente de mudança no processo de evolução da sociedade, pois, um sujeito conhecedor do seu papel, evolui com a sociedade a medida que o tempo passa.

O objeto de estudo, sem dúvidas é bastante complexo e requer uma análise minuciosa, pois abrange ideologias de grupos sociais que mantem uma relação repleta de particularidades, material para muitas pesquisas de diferentes recortes e vertentes, pois, estudar relações sociais não é tarefa fácil e se faz necessário olhar mais maduro do pesquisador, diante disso, a pesquisa desenvolvida até aqui, é apenas uma introdução para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. T.; BORDINI, M. G. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- ALAVARCE, Camila da Silva. A ironia e suas refrações : um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso / Camila da Silva Alvarce. – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2009.
- ASSIS, Machado de. Contos Escolhidos. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- BALANDIER, Georges. O poder em cena. Trad. Ana Maria Lima. Coimbra: Minerva, 1999.
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1980. A morte do autor. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 2000.
- CASTELLO, José Aderaldo. Realidade & ilusão em Machado de Assis. 2.ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.
- CARDOSO, Rosilene Costa. Relações sociais na sociedade escravista: cotidiano e criminalidade em Juiz de Fora – 1870 -1888. 134 f.:il Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.
- CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis, historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CONDE, Carla Marchandau. Aprender sobre o passado é compreender nossa realidade.um pouquinho de história! Minas Gerais, 2015.
<https://cronicasfeministas.wordpress.com/tag/escravidao/> . Acesso em 08/12/2018
- DUARTE, Eduardo de Assis. Machado de Assis afro-descendente – escritos de caramujo (antologia). 2.ed. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Pallas / Crisálida, 2007.
- DUFRENNE, M. Estética e Filosofia. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FAORO, Raymundo. Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio. 4. ed. rev. São Paulo: Globo, 2001, p. 362.
- FLORENTINO, Manolo e GÓES, José Roberto. A paz nas senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c.1790-c.1850. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1997.
- FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. 29ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1994. p. 296-297.
- HUTCHEON, L. Uma teoria da paródia. Lisboa: Edições 70, 1985. Poética do pós- modernismo: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidao-no-brasil.htm> >acesso em 04/11/2018
- IANNI, Octavio. Raças e classes sociais no Brasil. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. Literatura e consciência. In: Revista do Instituto de estudos brasileiros. Edição comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura, n. 28. São Paulo: Usp, p. 91-99, 1988. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/download/70034/72674>> Acesso em: 05/11/ 2018.

Literatura - homoliteratus.com homoliteratus.com/funcao-social-da-literatura Acesso em 08/12/2018

LITERAFRO, portal da Literatura Afro-brasileira. Cuti. Disponível em: <<http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/46/dados2.pdf> > Acesso em: 09/12/2018.

MACHADO, Maria H. Crime e escravidão: trabalho, luta e resistência nas lavouras paulistas-1830-1888. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.18.

MUNANGA, Kabengele . Negritude: Usos e Sentidos, 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988

_____. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MUECKE, D. C. Ironia e o irônico. São Paulo: Perspectiva, 1995.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. O romance tragicômico de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Eduerj, 2006.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Mulher negra homem branco: um breve estudo do feminino negro. 2004, RJ. Ed. Pallas.

SCHWARCZ, Lilia M. O espetáculo das raças. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Amaury; SILVA, Artur, 2012, Crimes de racismo. Ed. JH Mizuno; Edição: 1 Disponível em https://br.chekmezova.com/free-pdf/amaury_silva.html